O DESBRAVADOR

ÓRGÃO ESTUDANTIL INDEPENDENTE

SÃO JOÃO

Bosco

0

APÓSTOLO



DE

Nossa

SENHORA

AUXILIADORA

Era o entardecer do sábado, seis de dedezembro de 1862. Os alunos do "Colégio do Oratório" de Turim, terminadas as orações da tarde, saiam correndo da capela, e divertiam-se brincan do no pátio. Atras deles, caminhando mais deva-7 gar, conversavam D. Bosco e o jovem clérigo Paulo albera, que no futuro seria seu segundo suces sor. E D. Bosco dizia:

- "Nossa igreja jã é muito pequena. Vamos construir outra maior, mais bela, que seja / magnifica!"

E, mais tarde, aos rapazes que o rodeavam ele repetia: "Estão vendo lá, aquele extremo do pátio? Ali construiremos uma Igreja magnifica a Mãe de Deus, e a chamaremos Igreja de Maria Auxi

liadora!"

O clérigo Albera olhou lentamente em / torno, para as construções que D. Bosco, durante mais de quinze anos de sacrificios, havia aos / poucos conseguido levantar: um pequeno edifio para a habitação e o estudo dos meninos, uma minus cula igreja, quase uma capela... e só. Agora D. Bosco falava em construir uma igreja'maior, mais bela, magnifica", e apontava para um local que / nem siquer lhes pertencia... sim... no futuro, / talves...

Mas D. Bosco não se referia a um futuro remoto. Queria começar imdiatamente. Quando lhe/fizeram a objeção de que uma igreja daquele tama nho custaria muito dinheiro, respondeu:

- "A Virgem é quem paga. Ela quer sua <u>i</u> greja, e é natural que pense em pagar as despe-

sas. Nos só precisamos merecer". E mandou anunci ar a obra de uma distribuição em toda Itália de/uma circular pedindo donativos.

Muitos, ao lerem a circular comentavam/ que D. Bosco esrava louco (Esse comentário foi / frequente durante toda a vida do santo). Um pa-/ dre seu amigo lhe declarou: "No dia em que voce/ levantar um templo assim, eu comerei um cachorro crú" (Quando o padre perdeu a aposta D. Bosco / lhe perdoou o débito mas o facilitou, encomendan do numa confeitaria um caozinho de açucar).

Em fevereiro de 1863 D. Bosco conseguiu comprar o terreno. Contratou então como emprei-/teiro um antigo alumo seu, e mandou iniciar a /terraplanagem. Seria preciso pagar mil liras a /cada quinze dias, e ele não possuia em caixa dinheiro algum. Foi então que Nossa Senhora come -cou a agir. No fim da primeira semana de obra, /D. Bosco recebeu um chamado para que fosse con -fessar uma enferma em estado grave. Esta, ao recebê-lo, disse:

- "D. Bosco, se eu sentisse algum ali - vio de minhas dores, daria um auxilio para a sua obra." E D. Bosco: "Faça uma novena a Nossa Se - nhora Auxiliadora".

Chega o sábado, dia do pagamento. D. Bos co, que ainda não tinha um niquel, vai visitar 7 sua enferma, e a encontra completamente curada. Agradecida, ela lhe entrega um pacote que continha exatamente as mil liras de que ele necessita va.

(CONTINUA NA PÁGINA 4)

ANO 1

JUNHO/80

NÚMERO 6

Escreven Soleitores

...Foi um enorme prazer receber um exem plar de "O Desbravador, gostei muitissi mo. Gostaria de receber os próximos números...

FRANCISCO ALMEIDA SANTOS ZE DOCA-MARANHÃO

..."O Desbravador anima-nos a continuar lutando pelo ideal da Civilização Cristã. Ao lermos fatos heróicos como "O Conto de Páscoa" nos sentimos encorajados para a luta entusiástica, num mundo em que aparentemente os bons não terão a vitória. Lendo este valoroso órgão estudantil per cebemos Nossa Senhora agindo nas almas em busca do Triunfo do Seu Imaculado Coração. Que Nossa Senhora continue abençoando e sustentando esta equipe.

SOLANGE MENDONÇA RIBEIRO CAMPOS-RIO DE JANEIRO

+ SOLANGE, SUAS PALAVRAS MARAVILHOSAS, MERECERIAM UMA RESPOSTA MAIOR, NÓS AQUI LHE DIZEMOS: NOSSA SENHORA A RECOMPENSE E REZE POR NÓS.

...Achei muito interessante...e gostaria de receber todos os números desse jornal...Que Deus lhe ajude e que este jornal tenha bastante progresso...

JOICE DOMICIANO

SÃO PAULO-SÃO PAULO
...Sabe, eu gostei muito de ter recebido o jornal "O Desbravador" e gostaria
muito de continuar recebendo...Este jor
nal me tocou muito e assim, eu gostaria
de, no que for possivel, colaborar com
esse trabalho...

ANICE GARCIA

JABOTICABAL-SÃO PAULO

...Foi grande minha alegria ao ler os primeiros números de "O Desbravador". Como e bonito ver se levantarem jovens num mundo como o nosso para seguir um nobre ideal, e mais ainda não guardam esse tesouro so para si, mas propagam.

"O Desbravador"e um oasis para a juventude que atravessa o deserto do

mundo moderno.

Desejo que com a Graça da Santissima Virgem continuem a despertar a
juventude desse sono em que se encontra adormecida, mostrar que a Igreja
Católica não morreu, que, apesar da
luta ainda existem almas dispostas a
dizer não ao mal; Não ãs exigências
malignas do mundo, e que tenham a co
ragem quando todos covardemente dizem
sim.

LIA MARA SOARES BARRETO CAMPOS-RIO DE JANEIRO

+ LIA, QUE ALEGRIA IMENSA FOI RECEBERMOS SUA MAGNIFICA CARTA. ESPERANOS SEMPRE CONTAR COM SEU APOIO E ACIMA DE TUDO COM SUAS ORAÇÕES. ...Gostei muito de sua edição. Quando recebi o número 4, fiquel matutando: "será que irei receber outro?" Li uma uma, duas, três, dez ve res...Muito obrigado e gostaria de receber outros mais...

CLAUDIA RENATA DE FREITAS CARNEIRO JUNDIAI-SÃO APULO

...Figuei encantado com a edição de nº 5 do fornal "O Desbiguador"...

ALDECIR JOAQUIM MOREIRA ITALVA-RIO DE JANEIRO

...Pensei serem cartões postais de colegas cor respondentes ...mas felizmente não era...gostaria demais de continuar correspondendo com vocês...

MILTON MARTINS MIRANDA BELO HORIZONTE-MINAS GERAIS

... Eu gostei do jornalzinho e quero continuar a recebê-lo. Gosto muito de sua sinceridade por que ele nos crisina a verdade. Também tem jugos muito bem bolados. Encontrei muita calma e paz de espirito ao ler a realidade que ele nos mos tra... Para que possamos trazer ao conhecimento de mais e mais pessoas que Deus existe, esta em toda parte, e nos guiara para o caminho corto e não nos esquecera.

ELIZABETE DO CARMO GOMES DA CÂMARA SÃO BAULO-SÃO PAULO

...Achei magnifico que num mundo como este em que predomina a degradação moral dos jovens um rupo resolva tomar uma decisão e lançar um informativo para combater os erros em que caem a maioria dos jovens e ao mesmo tempo ensinarlhes o melhor caminho a seguir...

CARLOS AUGUSTO VIETRA SÃO PAULO-SÃO PAULO

...Admiro muito pelas suas noticias. Gostei mui to...Foi uma grande e boa surpresa para mim... FLAVIO JOSE M. DE VASCONCELOS

NATAL-RIO GRANDE DO NORTE

... Muito feliz fiquei ao receber certo dia em minha casa um exemplar deste magnifico jornal que editam ... Que Deus os abençõe e lhes de for cas para levarem sempre adiante esta ideia ine dita e unica em todo Brasil...

SERGIO GEREMIAS DE SOUZA BRAÇO DO NORTE-SANTA CATARINA

bre tudo que era algo diferente, falava sobre tudo que precisamos saber. Minha mãe ao lê-lo gostou e mandou os parabens para a equipe...

MANOEL AUGUSTO GRAÇA RIO DE JANEIRO-RIO DE JANEIRO



口附為

"MINHA MĀE FAZEI POR TEREZA O QUE TEREZA FARIA POR VOS, SE VOS FOSSEIS TEREZA E SE TEREZA FOSSE VOS"

e altin

arthr i m

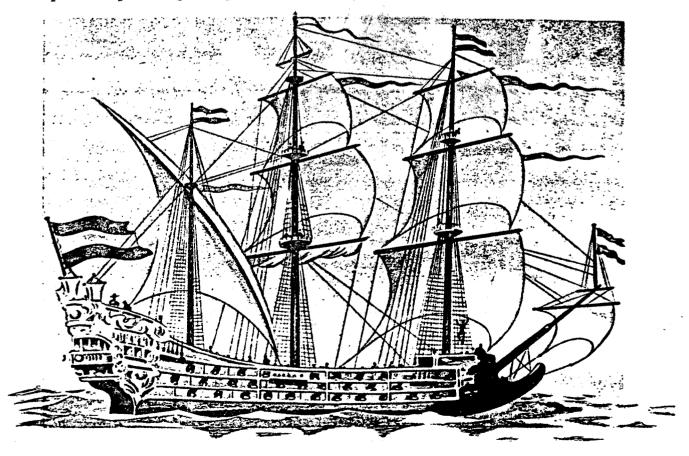


Por ocasião da saída do sexto número de ''O Desbravador'', nos de sua equipe diretiva ja pudemos aquilatar um pouco das reacões que ele produziu. Primeiramente, as positivas; elogios, cartas, contos enviados, colaborações várias, tudo isso dos mais variados pontos desta Terra de Santa Cruz. Para estas pessoas que estão compreendendo nosso esforço, apoiando-nos, divulgando nosso boletim, ficam desde já externados nossos agradecimentos e a intenção de retribuirmos esse apoio com as nossas orações. Em relação aos elogios, nos ja os consagramos e ofertamos antecipadamente a Nossa Senhora, Rainha dos Céu e da Terra. A Ela é ofertado tudo que de bom produzirmos.

Mas nos não poderíamos deixar de dizer uma palavra para algumas pessoas que encaram ''O Desbravador'' com indiferença. Nos não nos referimos aqui a leitores ir ritados, estes já tiveram sua resposta em nossa edição anterior(pg 2). Falamos aqui de pessoas que recebem ''O Desbravador'' e não o lêem , preferindo ignorá-lo

A estas pessoas nos convidariamos, também elas, a nos ajudar. Em vez desta indiferença, prefeririamos que nos criticassem, mas depois de terem lido o jornal. Depois de darem seus argumentos e suas razões.

E, terminariamos perguntando a esses "não leitores" (se eles ainda não lerem confiamos que algum leitor lhes trans mitirá a pergunta): por que voce não lê "O Desbravador"? Falta de tempo ? Ou falta de coragem para ver a realidade e ter que enfrentá-la?



- 'Mas não se trata de construir uma ca pelinha! E hoje de manhã não tivemos dinheiro para pagar os selos do correio!"

Apesar das preocupações de D. Savio as/ escavações tiveram inicio. E o dinheiro sempre a parecia no instante necessario, e na exata medida: nunca um centavo a menos, nunca um centavo a mais. Como D. Bosco havia previsto, Nossa Senhora pagava as dividas de sua igreja, mais exigia/ uma confiança completa. Prova de que era Ela quempagava e que todos os donativos recebidos eram agradecimentos de alguma intercessão de Nos sa Senhora Auxiliadora: "Turin, Gênova, Bolonha, Napoles, Florença, Roma, havendo comprovado o fa vor da Mae de todas as graças sob o título de Auxilio dos Cristãos, demonstraram sua gratidão/ com donativos. De mais longe também: Palermo, Vie na, Paris, Londres, Berlim, chegavam donativos. Posso afirmar que cada pedra, cada ladrilho dessa construção recorda uma graça da Rainha dos / Cous" (Rodolfo Fierro, "biografia y escritos de/ San Juan Bosco", Madrid, 1950. pg 295).

Não vamos cansar o leitor com o relatorio de dezenas de milagres. Contaremos apenas um, que esta entre os mais conhecidos, e do qual xistem todos os documentos possíveis para provar a autenticidade. A fonte é o mais autorizado bio grafo de São João Bosco, o Padre Lemoyne ('Vita/del venerabile servo di Dio Giovanni Bosco'', Tu-

rim, 1913, pgs 42 a 45).

Em 16 de Novembro de 1866 era necessário pagar aos empreiteriros quatro mil liras, e como sempre, não havia um tostão em caixa. Vários mem bros do Oratório sairam para buscar esmolas, mas depois de muito andar, voltaram com apenas mil /

À uma da tarde saiu D. Bosco. Andava ao acaso, sem saber aonde ir, quando encontrou o criado de uma casa rica:

O senhor não é D. Bosco ?

Para servi-lo.

Graças a Deus que o encontro! Venha/ comigo. Meu patrão está muito doente, de cama a/ anos, e quer ve-lo. 9

D. Bosco é levado a uma mansão, onde u-

ma senhora o recebe chorando:

- Ah, D. Bosco, se soubesse a quanto / tempo o esperamos! Mandamos busca-lo varias ve zes, e nunca o encontramos na cidade! Quereria / que curasse meu marido com a bênção de Nossa Senhora Auxiliadora. Eu teria dado um donativo à / sua igreja... mas agora é tarde demais, pois ele está quase no fim. Ante-ontem os médicos declara ram não haver mais cura..

"Entre os médicos estava também Nossa Senhora ?" pergunta D. Bosco; "porque se não estava a consulta não valeu, por falta do princi-/pal de que doença se trata?"

· "A doença tomou vārias formas, e hā / alguns meses degenerou em hidropsia. Ele foi ope rado várias vezes mas está novamente inchado, num estado de dar piedade. E os médicos não ousam mais toca-lo, porque afirmam que não suportara / outra operação."

D. Bosco e levado ao quarto do enfermo, e este lhe conta que está de cama há tres anos,/ sofrendo horrivelmente para fazer qualquer movi-

mento . Sorrindo, o santo lhe pergunta:

- "Gostaria de dar um passeio?"

- 'Pobre de mim' O único passeio que / farei será carregado para o cemitério.'

- "Se quiser fará um passeio hoje com /

suas permas, e em sua carruagem."

- "Se eu pudesse obter um pouco de ali-

vio, faria de boa vontade um donativo para sua o bra."

- 'Ora, isso seria realmente propicio./ Tenho absoluta necessidade de tres mil liras. - 'Bem. Obtenha-me alīvio e até o fim / do ano lhe darei o que pede."

> dinheiro_ainda - "Mas eu preciso de

esta tarde

- 'Esta tarde! E onde vou achar esse di nheiro? Não tenho tanto em casa. Seria preciso 7 ir ao banco..."

- 'E por que o senhor não vai ao banco?'

- ''Quem?''

- 'O senhor!

'Eu, sair? É impossível! O senhor está

troçando!"

- "Impossível para nos, mas não para Deus Onipotente: Dê Gloria a Maria Santíssima Auxi liadora, e vamos fazer a prova."

E D. Bosco mandou os presentes se ajoe lharem e rezarem a Nosso Senhor Sacramentado a Maria Auxiliadora. Em seguida deu ao enfermo benção, e este imediatemente começou a soltar tan to liquido que a sua mulher gritava: "Está morren

do!" E D. Bosco:

- "Figue tranquila, que não está morren do. O corpo está voltando ao tamanho normal." E manda trazer as roupas do enfermo, há anos abando nadas. Nesse momento chega um dos médicos, que fi ca escandalizado ao ver tudo aquilo e insiste para que o paciente volte para a cama. Mas ele não quer ouvir a ninguem que não D. Bosco. Sentindo se curado, vestiu-se sem ajuda de ninguem, e passeou um pouco pelo quarto. Mandou atrelar sua car ruagem, e enquanto esperava tomou uma copiosa refeição, coisa que a muito não podia fazer. Em seguida vai ao banco e retorna triunfante, entregan do a D. Bosco as tres mil liras, e dizendo: 'Es = tou completemente curado!"

D. Bosco o exortou a agradecer a Jesus // Sacramentado e a Nossa Senhora Auxiliadora. seguida voltou ao Oratório, onde o credor já estava a sua espera. Efetuou o pagamento, e as

bras prosseguiram.

Quando a basilica foi concluida os milagres continuaram em seu interior, principalmente guando das festas de Nossa Senhora Auxiliadora. / Na última dessas festas que D. Bosco presenciou em vida (24 de maio de 1887), os prodígios chegaram ao apogeu. O padre Lemoyne, testemunha dos fa tos, assim os descreve:

"(...) O entusiasmo estava no auge, porque se viam graças extraordinárias. Um jovenzinho que entrara no santuario de muletas, foi sair desembaraçadamente, com as muletas na mão Um paralítico (...) saiu completamnete curado. Tres senhoras trouxeram uma jovem enferma que mal se mantinha nas muletas, e depois de longa espera foram introduzidas na sala de D. Bosco. O secretã rio, quando viu sair, ainda de muletas, lhe dis - se: "Como? Que fe e essa? Voce foi pedir a benção de D. Bosco no proprio dia de Nossa Senhora Auxi-

liadora, e quer sair da mesma forma que en-Ande sem auxilio, que D. Bosco não da sua bênção a toa!" A jovem fi cou pasmada. Entregou as muletas à mãe e desceu à Igreja com dificuldade. Mas ao chegar lá, ve rificou que estava completamente curada. Deī xou as muletas na sacristia, e voltou conten te para casa" (Lemoyne, Obra cit.,pgs 606 e 607).

Talvez o leitor conheça alguem que, ao ouvir esses fatos, comente: "Eu não acre dito:" A essa pessoa o leitor poderia então citar o comentario feito pelo "Figaro", gran de jornal de Paris, em 18 de maio de 1883, de pois da triunfal visita de D. Bosco aquela ci dade:

"(...) São lendas, dirão os céticos; "é uma mistificação!" Seja. Mas ha um fato claro, inegavel, e é isto: a quarenta anos atras um pobre padre, que não possuia siquer um teto, dizia a seus pequenos órfãos: 'Cantem, meninos, cantem louvores ao Senhor. te lugar se levantara uma igreja, onde voces continuarão a cantar". "Pobre louco!", diziam os "sabios"... Mas hoje, naquele mesmissimo lugar surge a igreja, e em torno aquele 0ratorio surgem outros, não so na Italia, mas na Europa, no mundo... E isso não é lenda, mas um fato indiscutivel". (Lemoyne, Obra citada, pgs 483 e 484)

Isso comentava o "Figaro" em 1883. E a magnifica basílica de Nossa Senhor Auxiliadora, de Turim, ainda está lá, para quem qui-

ser verificar.

Uma ordem de coisas onde o milagre é corriqueiro, e onde o maravilhoso é habitual: Eis o ambiente que rodeava São João Bosco, apostolo de Nossa Senhora Auxiliadora. O que impressiona / mais na leitura dos fatos de sua vida não é tanto o número dos prodígios operados pela Santissima / Virgem, mas a naturalidade com que São João Bosco os recebia.

Em 1864, D. Bosco é convidado a pregar o tríduo em louvor à Assunção de Nossa Senhora na / aldeia de Montemagno, oitenta quilometros a nor-/ deste de Turim, No local não chovia a tres meses, e os habitantes angustiados temiam pela perda das colheitas. D. Bosco, ciente da situação, da pri-/ meira vez que sobe ao púlpito, se dirige a eles / nos seguintes termos:

- "Se voces vierem às orações durante tres dias, se reconciliarem com Deus por meio de/ uma boa confissão, e se prepararem de modo que no dia da festa seja possível uma comunhão geral, eu vos prometo, em nome de Nossa Senhora, que uma chuva abundante virá refrescar vossos campos.

Como afirmaria mais tarde, D. Bosco não/ tivera a intenção de profetizar a chuva para dali a tres dias, mas foi nesse sentido que a popula ção da aldeia o entendeu: Se todos se confessas-/ sem e comungassem, no dia da festa infalivelmente choveria. Vendo que não era mais possível desfa-/ zer o engano, D. Bosco resolveu deixar as coisas/ nas mãos de Nossa Senhora, e continuar a pregação

Nas aldeias próximas a noticia da "profe cia" foi comentada em tom de burla e debique. Na vizinha aldeia de Grana programaram para o dia da festa um grande baile publico ao ar livre, para /

comemorar o fracasso da previsão.

Em Montenagno, sob um sol inclemente, du rante os tres dias a assiduidade aos sermões foi 7 completa, e as confissões, continuas. Durante a missa, na manhã da Assunção, a comunhão foi tão / numerosa como nunca se havia visto naquele lugar. Mas o céu continuava sereno e azul. Na hora do al moço, as pessoas que acompanhavam D. Bosco a mesa mantinham um silêncio embaraçado, ouvindo ao longe o ruido das festividades na aldeia de Grana.

A tarde, quando os sinos chamavam os fieis para o sermão final, o firmamento continuava/ limpido e o calor, sufocante. Na sacristia da Igreja, D. Bosco era assediado por pessoas que o / interrogavam: "E se a chuva não cai?" "E sinal / que a não merecemos", respondia.

Terminam os cânticos, e D. Bosco sobe ao púlpito para o sermão. No caminho, dirige-se a Nassa Senhora. 'Minha Mae, não é a minha honra que se encontra em perigo, mas é a Vossa. Que dirão os detratores de vosso nome ao verem desiludi dos esses que hoje o melhor possível para Vos a gradar?'

Chega ao alto do pulpito e faz o sinal/ da cruz, com os olhares da multidão cravados nele. A predica tem inicio com uma Ave Maria, e enquanto a reza, alguns julgam notar que a luz do sol / escureceu um pouco. Durante o exórdio ouve-se um prolongado trovão, um murmurio de alegria percor re o interior da igreja. D. Bosco se recolhe um instante, e uma chuva continua e pesada começa/

a cair, lavando os vitrais. O sermao se inicia. e é um hino de louvor e gratidão a Nossa Senhora. Depois da benção o povo permaneceu muito tempo dentro da igreja porque a chuva, fortissí ma, continuava a cair.

Talvez algum leitor mais cético esteja disfarçando um sorriso de incredulidade. "Ora," pensara ele, "isso nada mais é que uma coinci dencia. Alias, essas chuvas de verão são mesmo/ assim repentinas. A ciência da meteorologia explica isso perfeitamente". Mas o caso não termi na aqui. La aldeia de Grana, o baile foi interrompido por uma chuva de granizo, que destruiu/ todas as colheitas. Verificou-se depois que o / granizo caira unicamente dentro dos limites daquele municipio. E isso, a "ciência da meteo rologia" não explica.

Falavamos de confiança em Nossa Senhora, e da naturalidade em pedir e aceitar a sua intercessão. Em 1885, o diretor de um colégio / fundado por São João Bosco em Paris se viu repen tinamente em difilcudades financeiras, porque as esmolas de que o colégio necessitava para susten tar os alumos haviam minguado, estando quase a 7 cessar. preocupado, o diretor escreve a D. Bosco. descrevendo a situação. Resposta do Santo: ''obtenha milagres, que os meios não faltarão". D. / Bosco havia falado. O diretor reuniu os alunos e ordenou-lhes que rezassem pela cura milagrosa do filho de um bemfeitor, que havia sido gravissima mente ferido, e estava as portas da morte, Os alunos rezaram, e a pessoa se curou de maneira prodigiosa. A noticia se espalhou pela cidade, e as esmolas tornaram a voltar.

Familiaridade, diziamos... Em janeiro/ de 1880 D. Bosco vai a Marselha, pedir ajuda para uma série de obras de caridade que havia iniciado. Mas os jornais misteriosamente se cala ram a seu respeito, e depois de alguns dias, na da se havia conseguido. Então trazem a ele. cadeira de rodas, um pobre menino paralítico. Santo lhe da a benção de Nossa Senhora Axiliadora, lhe ordena que ande, e o menino se põe a andar. Depois disso, em pouquissimo tempo toda a ci dade o conhecia, procurava e ajudava. Outros se seguiram, e a viagem a Marselha foi um sucesso / estrondoso. A uma das testemunhas desse primeiro milagre, D. Bosco depois comentou: 'Quando viu o menino naquele estado compreendi que nada/ poderia fazer. Então, disse a Nossa Senhora: "Va mos começar?" E a Madonna começou"

No bienio 1884-85, uma epidemia de cóle ra se propagou pelo sul da Europa atingindo pri $\overline{ ext{n}}$ cipalmente a Italia, França e Espanha. Oitenta 7 por cento das pessoas contagiadas morriam, as ve zes algumas horas apenas depois do contágio.

Quando se soube do inicio da epidemia D. Bosco iniciou contra ela, numa circular divul gada por toda Europa, um 'preservativo infalivel. Tal preservativo constava de tres pontos:

"1º Frequentar a Sagrada Comunhão com /

as devidas disposições.'

"2º Repetir frequentemente a jaculalato ria: Maria, auxilium Cristianorum, ora pro nobis' (Maria, auxiliadora dos cristãos, rogai por nos)

"3º Levar ao pescoço a medalha benta de Nossa Senhora Auxiliadora, e concorrer a qualquer obra de caridade ou de religião em honra De la."

"Com esse antidoto", dizia ele, "va tra balhar até mesmo num leprosário que nada lhe sucederá".

Foram distribuidas centenas de milhares de medalhas. Nenhum daqueles que seguiram os con selhos de D. Bosco foi atingido pela colera. En/ Marselha, os alunos do colegio salesiano, confiantes na proteção de Nossa Senhora, permaneceram tranquilos e incólumes em meio a cidade devastada pela epidemia. Em Barcelona, algumas senhoras cheias de fé tiveram a idéia de espalhar as meda lhas de Nossa Senhora Auxiliadora junto aos limi tes do bairro de Sarria, onde moravam. A fe em 7 Nossa Senhora Auxiliadora foi recompensada: aque le foi o único bairro que a cólera respeitou.

Para voce saber

A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA FOI FUNDADA NO ANO 30 DE NOSSA ERA, NA TERRA SANTA, POR NOSSO SENHOR JESUS CRISTO.

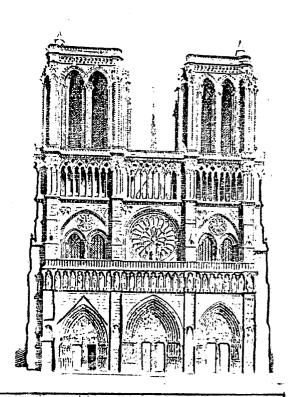
VEJAMOS AGORA QUANDO SURGIRAM E QUEM FUNDOU ALGUMAS SEITAS POR AI EXISTENTES:

NOME	FUNDADOR	DATA	LOCAL
LUTERANA	MARTINHO LUTERO	1517.	ALEMANHA
EPISCOPAL	HENRIQUE VIII	1534	INGLATERRA
PRESBITERIANA	JOHN KNOX	1560	ESCÓCIA
CONGREGACIONAL	ROBERT BROWNE	1580	INGLATERRA
BATISTA	JOHN SMITH	1611	INGLATERRA
METODISTA	JOHN WESLEY	1738	INGLATERRA
ADVENTISTA	WILLIAN MILLER	1831	ESTADOS UNIDOS
ESPIRITISMO	IRMAS FOX	1848	ESTADOS UNIDOS
TESTEMUNHAS DE JEOVÁ	CHARLES T. RUSSEL	1874	ESTADOS UNIDOS
PENTECOSTAL	VARIOS	1914	ESTADOS UNIDOS

Lembre-se que a VERDADEIRA IGREJA DE CRISTO FOI FUNDADA POR JESUS CRISTO.

A IGREJA CATÓLICA É A SEGURA

Quando a voz da paixão se cala, também os hereges confessam que a verdadeira fé está na Igreja católica, porque ela é infalível e ensina o que ensinou Jesus aos Apóstolos. Em Breton, pequena cidade do Baixo Palatinado, encontrava-se ferida de mortal doença uma mulher já avançada em anos, a mãe de Melanchton, primeiro discípulo de Lutero. De quando em quando, como que aterrorizada por espantosa visão, arregalava os olhos e volvia-os em roda inquieta; e, com uma aflição crudelissima, que mais a oprimia do que pròpriamente a moléstia, a enferma suspirava. Melanchton, que não-a abondonava um instante, dirigia-lhe palavras de conforto. Em vão!... As suas palavras antes aumentaram as aflições da enferma, que, fazendo um esforço vigoroso e fitando piedosamente Melanchton, exclama: Oh! dize-me, dize-me, suplico-to: em oue e devo em morrer para me salvar? Não me cales, meu filho, a verdade: new seia por culpa tua que a tua mãe se venha a perder para sempre!. Melanchton então disse: Ah! minha mãe, a doutrina da reforma é mais comoda para viver, mas para morrer a da religião católica é mais segura.



O DESBRAVADOR

ORGÃO ESTUDANTIL INDEPENDENTE

DIRETOR: MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO: ANSELMO LAZARO BRANCO

REDAÇÃO: JOSÉ HENRIQUE DO CARMO

SAVIO FERNANDES BEZERRA

EDMILSON MARTINS

PAGINAÇÃO: MIHAILO MILLAN ZLATKOVIC

DOUGLAS VAHE ATHARIAN

ASSISTENTE DE MONTAGEM: JOÃO BOSCO DE CASTRO EXPEDIENTE: VALMIR DE CASTRO

MARIA DO CARMO RUFINO

COMPOSIÇÃO: "ESTÚDIO FRA ANGELICO"

CORRESPONDÊNCIA: RUA BENJAMIN DE OLIVEIRA 57 03006 Brás SÃO PAULO SP

Maravilhas da Idade Média



Um mercador voltava de uma feira, onde fizera grandes negócios. Colocara toda a sua fortuna em belas moedas de ouro, numa bolsa de couro. Ia assim por valas e montes. Chegando à cidade de Amiens, passou diante de uma igreja e, como tinha por hábito, entrou para rezar diante da Mae de Deus, e pousou a bolsa ao lado. Quando se levantou, distratu-se, partindo sem ela.

Havia na cidade um burguês que, ele tam bém, tinha o costume de ir rezar aos pés da Bendita Virgem. Veio ele pouco depois ajoelhar-se no lugar que o outro acabara de deixar, e encontrou a bolsa, selada e guarnecida de um pequeno fêcho, e compreendeu logo que devia conter moedas de ouro.

Meu Deus, que fazer? - murmurou surpre so- se mando apregoar pela cidade o que encontrei, não faltará quem o reclame contra todo direito.

Decide então guardar a bolsa num cofre até aparecer alguém à procura. Dito e feito. Volta para casa e, com um pedaço de giz escreve na porta: "se alguém perdeu algo, que venha aqui".

Nesse interim tinha o mercador se dado conta do esquecimento.

-Pobre de mim! -exclama- perdi tudo.Estou aniquilado.

E voltou à igreja na esperança de recobrar o perdido: nada de bolsa. Foi ter com o padre, mas nenhuma informação obteve. Pertur bado, deixou a igreja e pôs-se a vagar pela

Passando diante da casa do burguês que encontrara a bolsa, vê as palavras escritas na porta. Vê também o burguês postado na janela, e aproxima-se:

-Sois vos, senhor, o dono desta casa?
-Sim, senhor, enquanto Deus o permitir.
em que vos posso servir?

-Ah, senhor, por Deus, dizei-me: quem es creveu essas palavras em vossa porta?

O burguês finge nada saber.

-Senhor, passa por aqui muita gente, sobretudo estudantes que gostam de escrever on de quer que lhes passe pela cabeça. Mas, per destes algo?

-Tudo o que possuia. -O que, precisamente?

-Uma bolsa de couro, guarnecida de um fe cho e selada, repleta de moedas de ouro. E descreveu a bolsa e o selo.

o burguês compreendeu sem dificuldade que aquele homem dizia a verdade, e conduzin do-o a seu quarto, devolve-lhe a bolsa.

Vendo a lealdade do burguês, o mercador

fica todo embaraçado:

-Beau Sire Dieu- pensa-não sou digno de possuir esse tesouro. Esse honesto burguês é mais digno disso que eu. E voltando-se para ele:

-Senhor, este dinheiro estará melhor colocado em vossas mãos do que nas minhas. Eu vô-lo entrego e recomendo a Deus.

-Ah, caro amigo, exclama o burguês, to mai vossa bolsa, por favor; dela não tenho nenhum direito.

-Não, diz o mercador, não a mereço.

Permita Deus que não a retome.

E foge correndo. O burguês põe-se a correr atras, aos brados:

-Ladrão, ladrão, prendei-o!

Os vizinhos o escutam, saem, detêm o mercador e o conduzem ao burguês:

-Ei-lo. Que vos roubou ele?

-Ele quis roubar-me a honra e a lealda de, que conservei por toda vida.

E contou toda historia aos vizinhos, que obrigaram o mercador a retomar seu dinheiro.

FABLIAUX ET CONTES DU MOYEN ÂGE CLASSIQUES -HATIER



— Santa Isabel, rainha de Portugal, tinha um jovem pagem virtuosíssimo, do qual se servia na distribuição das suas secretas esmolas. Um outro pagem, por inveja dele, resolveu promover a sua perda; e caluniou-o ao rei de um grave delito. O príncipe deu crédito à calúnia e quis castigar o pagem. Fez saber a um forneiro que lhe enviaria um pagem a perguntar-lhe se certas ordens suas tinham sido executadas e que, reconhecendo-o por meio desta pergunta, o agarrasse e lançasse no forno, pois era merecedar de morte por causa dos seus delitos. No dia estabelecido foi expedido o bom pagem. Este, passando próximo duma igreja, entrou nela e ouviu várias Missas. Entretanto o rei, impaciente por saber o que tinha acontecido, expediu também ao forno o caluniador. O forneiro agarrou nele e atirou-o para dentro do forno. O bom pagem, cumpridas as suas devoções, continuou o caminho, chegou ao forno e, como soube que as ordens do rei estavam cumpridas, voltou a dar conta da incumbência. Assim que o viu voltar, o rei ficou surpreendido. Quando se inteirou das circunstâncias do facto, adorou os juízos de Deus e prestou a devida justiça à inocência caluniada.

8 + ORATO

Ano de 1593. Porto de Nagazaki. Més das cerejeiras. Pôr do sol. Sentado em um rochedo a beira do caminho e de frente para o mar, Hikari, o menino, observa e espera. Observa os navios es trangeiros que chegaram pela manha, e em cujas ve las brancas se desenha uma cruz vermelha, como aquela hora estava o sol. Durante todo o dia Hikari esteve la, sentado no rochedo, observando e esperando.

Esperando o que Ele não sabe também. / Mas desde que aquelas velas surgiram no horizon - te, Hikari sentiu em seu coração uma voz que lhe dizia para ver, e esperar. Obediente aquela voz./

até o fim do dia ele esperou.

Escurecia, quando Hikari percebeu que / quatro homens vinham do porto e subiam o caminho/ em sua direção. Não eram japoneses, mas também / não se pareciam com aqueles estrangeiros vindos de Portugal, e que às vezes deserbarcavam ali. Os / cornerciantes portugueses vestiam roupas colori - das e cheias de enfeites, calçavam botas altas, e portavam uma bela espada no cinturão. Aqueles que se aproximavam não eram assim: Trajavam uma pobre túnica marrom sem nenhum enfeite, e calçavam sandálhas. À cintura, apenas uma corda branca segura por um nó, e em lugar de espada, levavam um objeto que Hikari não conhecia: Uma série de contas / de madeira, interligadas por argolinhas de metal. Que espécie de arma seria aquela?

Hikari cogitava sobre isso, quando os/ estrangeiros passavam ao seu lado. E para enorme/ surpresa sua, um dos estrangeiros a ele se dirigiu. Num japonês hesitante mas compreensivel, ele

perguntou :

- 'Menino, é este o caminho que leva ao

interior?"

Hikari acenou que sim. Mas tentou expli car que mais adiante o caminho se bifurcava, que/ era preciso tomar a da direita, e que mais à fren te ainda haveria uma nova bifurcação...

O homem sorria, mas parecia não enten - der. Hikari ficou preoculpado. Se eles errassem o caminho, poderiam dar em uma região de salteado -

res... Quem os iria então auxiliar?

E Hikari, que já estava de pe sobre o / rochedo, no afá de melhor se exprimir, subtamente se viu saltando para o lado daqueles homens, e di zendo:

-'Vamos! Eu vou com voces!"

Por que ele se oferecera assim, para ajudar a pessoas que ele não conhecia, e que nem / siquer haviam solicitado a sua ajuda? Hikari não sabia. Mas lhe parecia agora que a sua espera, o dia inteiro naquele local, fora única e exclusiva mente por essa razão.

Escurecia. Atrás das montanhas nevadas/do Japão, o sol lançava seus últimos raios, numa/rubra coroa de esplendor. E os primeiros missioná rios católicos, guiados por um menino, começavam/seu caminho para o interior, para o coração, para as profundezas da alma de mais um país.

99999999999999999

Lua cheia, noite de verão. Sentado sobre um rochedo, Hikari observa, e espera. Observa o três missionário deitado sobre a relva, que descansam de mais um dia inteiro de caminhadas e pregação. Observa também frei Antonio, ajoelhado mais adiante, e rezando, com seu rosário na mão.

Ao ver o rosário, Hikari sorriu. Lem - bra-se daquele primeiro dia, à dois meses atras, quando vira esse objeto pela primeira vez. e co-



gitava que especie de arma seria... Lembrava-se/da estranheza que sentiu quando Frei Jerônimo / explicou ser aquela realmente uma arma, e muito/mais poderosa que todas as outras armas que existiam, porque vencia as pessoas por dentro, mudan do suas almas, e as conduzindo para Deus...

Agora Hikari já sabia o que Frei Jerônimo quisera dizer. E tomando nas mãos o seu pró prio rosário, que fizera com sementes de cerejei ra, ele também começou a rezar. Queria estar bem preparado, porque amanha seria festa de Nossa Se nhora, e nesta festa. Hikari iria ser batizar.

Noite escura de inverno. Sentado num / rochedo, Hikari, o menino, observa e espera. A / luz das tochas que rodeiam o campo, ele observa/ o sangue de seus amigos missionarios, que tinge/ de vermelho a branca neve em seu redor. Observa/ seus corpos caidos e suas cabeças cortadas. Ob serva os sacerdotodes budistas que sorriam, sa tisfeitos. Observa o carrasco que guarda sua espada. Observa os soldados do imperador.

Depois os soldados se afastaram com o carrasco e os sacerdotes, e no campo iluminado / pelos archotes, Hikari ficou so. Ele não foi exe cutado porque era japonês, e o decreto de morte/ atingia apenas "os estrangeiros propagadores da doutrina cristã". Os japoneses, mesmo os já bati zados nada sofreriam, "desde que não ensinassem/

aquelas ideias a ninguem".

Hikari portanto estava livre. Mas li vre para que? E enquanto sepultava o corpo de / Frei Antonio, ele se lembrava do dia em que aque le Frei o batizou. Então, Frei Antonio lhe pergun tara o que significava o seu nome. E Hikari, corando, dissera que sua tradução era "Raio de Luz" E Frei Antonio, encantado, falou: "Com a graça / de Deus, esse raio de luz irá um dia iluminar to

do o Japão".

Agora, os missionários estavam mortos. E com aquelas mortes, pensava Hikari, a luz da / fe por muito tempo não iria mais brilhar. Pois a gora os sacerdotes budistas estariam mais vigi-7 lantes em seu zelo de servir o demonio. Qualquer outro missionario que ousasse vir, certamente i-ria perecer... Restavam apenas os japoneses que se haviam batizado. Mas o que poderiam eles fa-/ zer contra a perfidia dos sacerdotes budistas, e contra a força dos exécitos imperiais? Certamente morreriam, seriam esmagados como formigas, se tivessem a menor veleidade de proclamar a sua fe. E de que isso iria adiantar? Não seria melhor fi car em silêncio a espera de tempo melhores, e 7 guardando a fé apenas para si mesmo, escondida / no fundo do coração? Isso lhes garantiria a vida. Mas por outro lado, a luz foi feita para ficar / escondida, ou para iluminar? Calar-se depois de

ter conhecido a verdade, não seria uma traição? /
E sentindo que a duvida o assaltava, Hikari fez aquilo que Frei João o havia ensinado a /fazer, quando o rondasse a tentação: tomou seu rosario de sementes de cerejeira, e ajoelhando-se so bre o túmulo dos mártires, fêz o sinal da cruz, e/

rezou.

Ano da graça de 1865. Três séculos se ha viam passado sobre o império do Japão. Mês das cerejeiras, pôr do sol. Sentado sobre um rochedo, um menino observa e espera. Observa os missionários / estrangeiros que chegaram à sua aldeia, e que cons troem uma pequena capela, com a ajuda dos carpin -

teiros do lugar. E espera... Espera um sinal que / lhe ensinaram que um dia iria chegar.

Os carpinteiros se despedem. Cansado por um dia inteiro de trabalho duro, o missionario tam ben larga o serrote, senta-se em uma pedra, e pega o seu terço, para rezar. Quando um menino ve aquele objeto, solta uma exclamação de alegria, pula / do alto do rochedo e dispara a correr pelo campo, sumindo no meio de um bambuzal.

O missionário continuou sua oração. Mas dali a pouco ele se surpreendeu ao ver que o menino voltava, acompanhado por uma velhinha muito pequena, que se esforçava por correr. E se surpreendeu ainda mais ao perceber que a velhinha levava / um rosário - um velho rosário feito com sementes de cerejeira - entre os dedos tremulos de sua en carquilhada mão.

Antes que o espantado sacerdote falasse/

alguma coisa, a velhinha perguntou:

- ''Foi o nobre chefe do Reino de Roma que vos enviou?''

O padre, surpreso, respondeu afirmativamente.

- 'Tendes filhos?" Continuou a japonesa. - 'Vos e vossos irmãos japoneses sois /

meus filhos", respondeu o missionario.

E então a velhinha, comovida pediu para/ ver uma imagem da Mãe de Deus. E quando se encon trou diante da imagem de Nossa Senhora, e quando / verificou que o rosario que trazia entre os dedos/ era o mesmo que a Santissima Virgem levava em sua/ mão, nesse momento ela se voltou para o sacerdote, e declarou:

- 'Eu e meu neto também somos católicos.

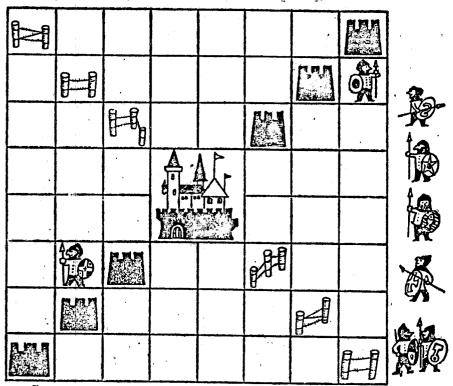
E nosso coração e semelhante ao seu.

E explicou que durante aqueles trezentos anos de perseguição, o catolicismo sempre se manti vera ativo no Japao. E isso porque houvera um meni no japonês, que preferira proclamar a sua fé, em 7 de se calar. Esse menino ensinara o catecismo aos/ japoneses, batizara a todos proclamara as grande zas da Santa Igreja, e as misericordias de Deus. E afirmara, com uma certeza de profeta, que um dia / os missionários haveriam de voltar, e que eles seriam reconhecidos como verdadeiros se obedecessem/ ao Papa, não se casassem, e tivessem devoção a/ Mae de Deus... Esse menino acabou morrendo martir, sendo queimado pelos sacerdotes budistas, amarrado a uma cruz. Mas mesmo enquanto as chamas o envolvi am ele proclamava a sua fé, e bradava: 'Não celam. Não vacilem! Um dia, a luz voltara a brilhar!" Era desse menino, explicou a velhinha, o rosario que e la trazia nas maos...

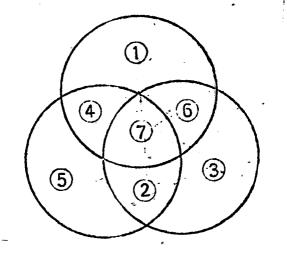
O missionario, comovido, osculos o ve lho rosario de cerejeira, e pôs entre os dedos da imagem da Mae de Deus. E quando ele se ajoelhou, um raio de luz - "Hikari", como dizem os japoneses - bateu sobre o pequenino crucifixo. e este começou a bralhar. A



Primeiro foi o Japão, depois foi o México... Agora, o problema de "O Desbravador" nos foi enviado do meio das brumas da Inglaterra, diretamente do condado de Essex-Stratford-on-Wilbur. Quem assina a carta é o "lord" "Sir" Charles Edward Kingsley, cavaleiro da ordem de "Sir James", membro honorário do clube dos golfistas de Birmighan, grão-mestre da ordem da Jarreteira, e sócio de dezoito cervejarias. O problema é: "disponha os oito cavaleiros nos quadros li vres do tabuleiro abaixo desenhado, de tal forma que nunca dois fiquem na mesma li nha, nem em sentido vertical, em horizontal, e nem diagonal. Para facilitar as coisas, dois dos cavaleiros já estão em seus lugares. Cabe ao leitor colocar os outros seis. Good luck, sir, and thank you very much:



RESPOSTA DO "PROBLEMITA" ANTERIOR:



concurso de contos

É com enorme satisfação que damos o resultado final do concurso de contos "Pena Brilhante":

1º lugar) Jacinta Ribeiro , de Campos-RJ, com o conto 'Vale mais que a propria vida''

29 lugar) Maria Tereza Martim, com o conto "O Passarinho"

José Carlos Marketi, de São Paulo-S P, com o conto "Soldados de Deus"

Aos vencedores serão dados jogos de canetas e à vencedora além disso, um cartão de prata alusivo ao concurso. Os contos passarão a ser publicados em nosso próximo umero.

ERRATA: em nossa primeira pagina aonde se le "Quando o padre perdeu a aposta D. Bosco lhe perdoou" leia-se "Quando o padre perdeu a aposta D. Bosco não lhe perdoou"

"MARIA VENCE, MARIA REINA, MARIA IMPERA"

MAGIA NO SECULO XX

Vivemos numa época que se vangloria de ser a era da ciência e da técnica. Os avanços tecnológicos impressionam pelo seu requinte e profundidade.

No entanto em pleno desenvolvimento científico alguns fatos mostram como o homem está longe de acompanhar esse pro

gresso em outros campos.

Assim, outro dia chegou-nos as mãos um folheto recomendando para tratamento de doenças, cura de moléstias nervosas, emagrecimento nada mais, nada menos que a magia egípcia. Ou seja as mesmas práticas idolátricas do tempo dos faraos.

Simultaneamente vimos um cartaz dizendo que em São Paulo haveria um Con

gresso de magia e ocultismo

E, qual não foi nossa surpresa ao lermos uma noticia num jornal paulista dizendo que Leonid Brezhnev (sim, o materialista Brezhnev) tem se tratado da mortal doença que o acomete com uma ... feiticeira.

ESPETACULO PUNK NA BAHIA

Anunciou o Correio da Bahia que haveria na Capital do simpático Estado um espetáculo "punk" no qual se convida vam os participantes a comparecer com roupas aterrorizantes (e sujas), uma pe dra amarrada no pescoço e a meia noite haveria a chegada do enterro de uma múmia. A festa seria promovida por estudantes da Universidade Federal daquele Estado.

Deve-se salientar que os "punks" baianos apesar das barbaridades que es tavam querendo apresentar não chegaram aos pes de seus congeneres estrangeiros que cortam um dedo e jogam para a plateia ou vomitam em publico como forma de "ar-

te"...

ABORTOS NO MUNDO

Diariamente se praticam no mundo cen to e vinte mil abortos voluntários segun do pesquisa feita sob os auspícios do Fundo de Estudos sobre população da Organização das Nações Unidas.

Em resumo, cinco mil crianças por hora são assassinadas e por minuto ocorrem oitenta e tres mortes de inocentes

criaturas.

SUICÍDIO "NÃO VIOLENTO"

Noticiou o jornal "Newsweek" de 7 de abril do corrente ano que uma equipe de médicos e advogados lançou um livro no qual se ensina como suicidar-se por métodos "não violentos." Comentando o as sunto um médico de um hospital de Londres disse que chegara o momento que o suicidio sera "um dever".

TALVEZ VOCE DIGA DIANTE DESSAS NO-TICIAS: "NÃO TENHO NADA COM ISSO","NÃO MATO", "NÃO ROUBO","ISSO BASTA".

MAS EU LHE DIGO: SE VOCÊ VISSE SUA MAE SER ESBOFETEADA, E FICASSE QUIETO (OU QUIETA) NÃO A DEFENDENDO, VOCE MERE CERIA PELO MENOS O NOME DE COVARDE.

CERIA PELO MENOS O NOME DE COVARDE.

ESTE ESTADO DE COISAS MEDONHO OFEN
DE A DEUS, NOSSO PAI, DE UMA MANEIRA RE
QUINTADA. VOCÊ NÃO VAI FAZER NADA DIANTE DISSO? FICARÁ AINDA QUIETO (OU QUIETA)? OU COMO UM HERÒI PROCURARÁ CONTRIBUIR PARA QUE ESSE "MUNDO SEM DEUS" SE
TRANSFORME NUM MUNDO EM QUE DEUS SEJA
VERDADEIRAMENTE SENHOR DOS CORAÇÕES E
QUE SEJA OBEDECIDO, ACATADO, AMÁDO, SER
VIDO?

PRECISA-SE DE JOVENS

(MOÇOS E MOÇAS)
CORAJOSOS, CHEIOS DE VALOR, ABNEGADOS, BEM
DISPOSTOS, COM INTENÇÃO DE REALIZAR GRANDES
COISAS, SEM EGOÍSMO, COM VONTADE DE MELHORAR
O MUÑDO, SEM MEDO DE PROCLAMAR A VERDADE DIANTE DE QUEM QUER QUE SEJA, QUE NÃO SE CONFORMEM COM O FATO QUE A CHINA TENHA MAIS SU
DITOS QUE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO.

SE VOÇÊ TEM ESSAS CARACTERÍSTICAS,
HA UM TRABALHO I PARA VOCÊ: DESBRAVAR ESTA CIVILIZAÇÃO SEM DEUS, LEVAR LUZ A UM
MUNDO DE TREVAS, CORAGEM A HOMENS SEM ÂNI
MO, VIRTUDE A QUEM VIVE NO PECADO.

LOCAL DE TRABALHO: SUA CASA, SUA ESCOLA, SEU SERVIÇO, O MUNDO TODO

PAGAMENTO: NESTA VIDA, CONSCIÊNCIA TRAN-QUILA, PAZ DE ESPÍRITO, BENÇÃOS CELESTIAIS. NA OUTRA: O CEU POR TODA ETERNIDADE





São Crisanto, cuja festa a Santa Igreja comemorará amanhã juntamente com a de Santa Daria, sua esposa, é um dos mais célebres márthres do século III.

Quem eram estes heróis de Jesus Cristo que por Ele padeceram a morte? Embora quase desconhecidos. infelizmente, por nossos contemporáneos. os exemplos de fé e abnegação que nos legaram são dignos de figurar na "Légende Dorée".

SAU CRISANTO

Durante o reinado do imperador romano Numeriano, um ilustre patricio de Alexandria, animado pela benevolência que o imperador mostrava a seu respeito, mudou-se para Roma com seu filho Crisanto. As esperanças de Polêmio não foram frustradas pois recebeu de Numeriano as maiores provas de amizade bem como a nomeação de Sinador. Crisanto, por sua viz. pelo seu ótimo caráter, agradável conversação e habilidade nos salões e jogos, rapidamente conquistou popularidade entre a aristocracia romana.

Crisanto, entretanto, apesar de pagão, era muito preservado e tinha grande paixão pela leitura, acrescida de um talento especial para selecionar o que os pagãos tinham de melhor, sempre à procura da verdade que o culto dos deuses não lhe proporcionava. A Providência utilizou-se deste caminho para convertê-lo.

FOLHA DA TARDE -

O CAMINHO DA GRAÇA

Sempre à procura de algo novo para ler. Crisanto encontrou certo dia um texto da Sagrada Escritura. O jovem pagão leu a principio com a atenção, depois com interesse, e por fim, com avidez os Livros Sagrados, principalmente os Évangelhos. Encontrou o futuro mártir na majestosa simplicidade das narrações biblicas a força da verdade que se impõe em cada uma de suas páginas. A graça divina levou-o ao desejo de aprofundar mais o conhecimento da doutrina que entrevia nos Livros Sagrados. O encontro providencial com o diácono ilustre pelo saber e virtudaçabou por levá-lo a pedir o Santo Batismo.

Tão estrondosa mudança não poderia deixar de ser percebida. Os saiões, os campos de esporte, a própria, mesa paterna começaram a ressentir-se da ausência daquele que antes era a sua animação. Por outro lado, Crisanto foi visto mais sério, compenetrado, visitando prisões e até mesmo campos de suplicio. Polêmio interpelou o filho, perguntando o, motivo de tal mudança, tendo recebido a explicação com tal ardor, capaz de converter um coração menos empedernido. Pelo contrário, tal foi o ódio de Polêmio, que mandou trancar seu filho em escura e fétida masmorra para fazê-lo apostatar da verdadeira fé.-

Como Crisanto permanecesse firme em sua novacrença e até procurasse converter seus carcereiros, Polêmio mudou de tática.

23 10 78 —

Mandou trancar seu filho num quarto luxuoso no qual estavam várias jovens, escolhidas, para o levarem à perdição pela luxúria. Mas um sono milagroso apoderouse dessas infelizes até que foram retiradas do recinto.

SANTA DARIA

Recorreu então Polêmio a uma donzela consagrada ao culto de Minerva, dotada tanto de formosura quando de ciência, que propôs ao filho como esposa para que esta o levasse à apostasia. Reco-nhecendo Crisanto na jovem qualidades superiores de espirito, começou a instrui-la na doutrina católica e o fez com tal exito que Daria pediu o Batismo Depois, para satisfazer o desejo de seu pai, que nada sabia a respeito da conversão da jovem Daria, propôs a ela o matrimônio com a condição de consagrarem amboz a Deus sua virgindade. Assim, realizouse o casamento.

Com a liberdade que tiveram então, os dois esposos passaram a ser o mais seguro apolo dos cristãos que assistiam tanto com esmolas quanto o com conselhos, chegando mesmo a converter inúmeros pagãos pelo exempio e pela palavra.

MARTIRIO

Denunciados ao tribuno Cláudio, este fez acoltar Crisanto até que suas visceras éficaram é mostra. Como o santo continuasse a louvar a Deus, mandou o tribuno que lhe arrebentasem os ossoscom barras de ferro as quais se tornaram

tão maleáveis nas mãos dos verdugos, que Cláudio se converteu à vista do prodigio. Informado do sucedido, o imperador mandou jogar vivo o tribuno no Tibre, e conduzir Daria a um lugar infame, ende um leão, fugindo de sua jaula, veio colocar-se aos pêsda virgem, para defender sua pureza. Tendo sido a casa incendiada, o leão voltou para sua jaula, enquanto Daria saiu ilesa, louvando a Deus.

Não podendo vencer estes herois de Jesus Cristo, Numeriano mandou enterrá-los vivos, a 25 de outubro de 284. Os anos correram, veio a liberdade para a Igreja, através do edito de Milão em 313, de autoria dolmperador Constantino. Foi entao vontade de Deus, como relata São Gregorio de Tours, revelar o local onde se encontravam os santos corpos. Ao se desobstruir a entrada do subterrâneo onde foram enterrados os dols martires. diante de seu túmulo foram encontrados. em /semicirculo, outros mártires que ali haviam ido rezar e que foram também sepultados vivos pelos pagãos, anosapos a morte de São Crisanto e Santa Daria.

•

Bibliografia Pe. Croiset, S.J., "Ano Cristão", trad. port. do Pe. Mattos Soares, Seminário do Porto, Tip. "Porto-Médico".

D. P. Guéranger — "El Año Litúrgico", trad. espanhola dos mojes de São Domingos de Silos, Burgos.. Editorial Alvecoa, 1956.

ESTANISLAU DO CARMO

COLUNA CATOLICA-



O Roma eterna
Dos mártires dos santos,
O Roma eterna
Acolhe nossos cantos,

A ti corremos Nosso Rei e defensor, Em ti nos vemos O doce Redentor.

A voz de Pedro Na ma o mundo escuta, Conforto e escudo De quem combate e luta. Não vencerão As forças do inferno, Mas a verdade Que é nosso gládio eterno.

Salve, salve Roma E eterna a tua história; Cantam-nos tua glória Monumentos e altares.

Roma dos Apóstolos, Mãe e mestra da Verdade; Roma toda a Cristandade O mundo espera em ti

"IDE MALDITOS, PARA O FOGO ETERNO"

(NOSSO SENHOR JESUS CRISTO NO DIA DO JUIZO FINAL)